



POVO ALGARVIO

S E M A N Á R I O R E G I O N A L I S T A

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virgínio Pires

Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal
L I S B O A - 2

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

A VIAGEM PRESIDENCIAL AO ALGARVE

NA sua viagem triunfal através do Algarve, onde veio inaugurar o aeroporto de Faro e diversos melhoramentos, tendo visitado a capital do distrito, S. Brás de Alportel, Alcoutim, Castro Marim, Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão, Loulé, Silves, Portimão, Albufeira, etc., etc., o sr. Almirante Américo Thomaz foi alvo de uma calorosa manifestação de simpatia, na sua passagem por Tavira.

Milhares de pessoas se estenderam ao longo do percurso e na Praça da República, onde não havia um lugar vago e se via o povo em cachos sobre o Grande Guerra, para ver e Monumento aos Mortos da aplaudir vibrantemente o Chefe do Estado.

Não há memória de uma manifestação tão estrondosa quando da visita aqui de qualquer Chefe de Estado. A chegada o povo entoou em coro o Hino Nacional acompanhando a Banda de Tavira.

Podê dizer-se que o povo saiu para a rua de alma aberta para ovacionar o sr. Almirante Américo Thomaz, que por três

vezes veio às janelas do município agradecer os aplausos e vivas da multidão.

No percurso que fez a pé, entre o município e a Estação dos C.T.T., os vivas, as flores e a chuva de papelinhos foi ininterrupta.

A saudação feita pelo sr. Dr.

Jorge Correia, presidente da Câmara Municipal e deputado da Assembleia Nacional, a uma das janelas dos Paços do Concelho, foi por assim dizer o pretexto para mais quentes e prolongados aplausos.

Não exageramos ao afirmar que é indiscutível o calor posto pelos tavienses nessa grandiosa e memorável manifestação de carinho e simpatia ao venerando Chefe do Estado.

Continua na 6.ª página

SEJAMOS DIGNOS DA HORA PRESENTE

É PRECISO que todos nos demos conta de que o Portugal de hoje, para conseguir ser o digno herdeiro daquele Portugal heróico que deu novos mundos ao Mundo, está realizando prodígios de valorização que se estendem igualmente por todos os sectores da vida pública e até da vida privada.

Estamos debelando todos os ataques dos nossos inimigos, que não podem tolerar que um povo pequeno continue a dar lições a tantos povos civilizados, mostrando o caminho que se deve seguir para defesa da civilização ocidental. Felizmente, no momento presente, um certo número destes povos já nos está fazendo justiça confessando que a resistência de Portugal aos seus inimigos é batalha de incomparável valor e de altíssimo significado para a defesa eficiente do nosso ideal civilizador.

No presente artigo, queremos chamar a atenção dos nossos conscienciosos leitores para os deveres que impendem sobre todos e sobre cada um de nós.

Continua na 6.ª página

AS FESTAS DE TAVIRA

CONFORME já noticiámos, as grandiosas e tradicionais Festas da Misericórdia de Tavira realizam-se nos dias 15, 22, 28 e 29 de Agosto.

(Continua na 6.ª página)



A Câmara de Tavira

Cumprimenta respeitosa e vibrantemente toda a População do Concelho pela galhardia e distinção com que recebeu e ovacionou Sua Excelência o Presidente da República.

Fiquemos com a consciência tranquila de que não fomos excedidos.

Não pode porém o Presidente da Câmara ficar insensível pessoalmente e neste momento deixar de agradecer a todos quantos quiseram acompanhá-lo nesta demonstração de civismo e amor pátrio.

A todos rendidamente agradeço.

O Presidente da Câmara,
Jorge Augusto Correia

Dirigido ao sr. Presidente da Câmara, foi recebido o seguinte telegrama:

«Felicito V. Ex.ª calorosa recepção Venerando Chefe Estado prestada População linda Cidade Tavira agradecendo atenções recebidas

Santos Júnior — Ministro Interior»

HORA DE SAUDADE

PASSA no próximo dia 21 do corrente, o VII aniversário da morte do Poeta Isidoro Pires, antigo e saudosos Director do nosso jornal.

Ao relebrá-lo, nesta hora de sauda-



dade, parece que nos sentimos amparados sob a acção do seu olhar inteligente e da sua voz amiga.

Servir com honestidade e puro idealismo a sua terra foi sempre o seu lema

Quer como Homem Público, como

Tavirense, como Poeta ou Jornalista, Isidoro Pires foi sempre digno e apreciado.

Muito embora se diga que a morte abre a porta da fama e fecha a da inveja para ele não foi preciso deixar este vale de lágrimas para receber em vida as maiores provas de amizade e carinho dos seus conterrâneos e a apologia dos seus poemas feita por esse algarvio, eminente Homem de Letras, que foi Júlio Dantas.

Lemos algures que a morte despenos dos nossos bens para nos vestir das nossas obras e Isidoro Pires, legou-nos uma obra literária difícil de se enquadrar em qualquer escola porque no Parnaso onde subira, bebeu essências de João de Deus, de Augusto Gil e de Antero de Quental e assim criou uma obra muito sua, escutando apenas a voz do sentimento.

Foi em 21 de Julho de 1958, quando a noite começava a envolver a terra no seu pesado manto que o sono eterno também o envolven para sempre. A cidade perdeu nessa hora triste, como nós, um grande amigo.

Se, como diz Alexandre Herkulano, a memória é o instante de repouso e a saudade o clarão ensame que nos ilumina sentimento por isso emocionados ao desfolhar saudades nesta hora.

Em sua homenagem damos hoje à estampa o maravilhoso trabalho do distinto advogado Dr. Carlos Picoito, pronunciado em Tavira e Vila Real de Santo António.

O HOMEM, o TAVIRENSE, o ORADOR e o POETA

A palestra que proferi em Tavira e, depois, em Vila Real de Santo António, sobre Isidoro Manuel Pires, foi dedicada, como em qualquer das duas ocasiões disse, à memória do mesmo.

A publicação, agora, da dita palestra, dedico-a a Manuel Virgínio Pires e aos meus quatro filhos.

Ao primeiro, meu grande Amigo, por sempre ter sido um Irmão que «idolatrava» Isidoro Manuel

Pires. Aos últimos — os meus filhos — para que eles continuem a compreender e a sentir que uma verdadeira amizade DURA E PERDURA, mesmo depois da morte do Amigo.

E ao Leitor — se algum houver... — peço que desculpe as deficiências desta palestra, que diversas pessoas me tentaram a fazer publicar. Por mim só, não a publicaria, pois sinto que a recordação de alguém é mais

vivida em silêncio, do que à luz da publicidade.

CARLOS PICOITO

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Todo o conferencista que eu não sou, porque me faltam, para tanto, as necessárias faculdades, e me vão rareando os anos, todo o conversador, como sempre eu fui e sou, põe — um ou outro — nas suas conferências, ou nas suas conversas, muito do seu EU, muito de subjectivismo.

Digo-o, porque é a verdade. Negá-lo, seria mentir.

E eu não gosto de mentir, de faltar à verdade.

Por virtude desta minha falta de...

(Continua na 2.ª página)

MORREU UM GRANDE AMIGO DA CIDADE DE TAVIRA

PARECE-ME estar a vê-lo, dias após a sua chegada a Tavira, muito jovem ainda, já médico, vestido,

na sua farda de gala com galões de alferes.

Era um domingo festivo em 1927. Quem adivinharia nessa juvenil presença o amigo do povo e um tão devotado amigo de Tavira.

Anos se passaram na luta que travou em prol dos que sofrem, levando o melhor da sua vida e da sua saúde. Essa figura, querida da cidade, era o sr. Dr. Augusto Carlos Palma, um homem, sim, mas um homem justo, um apóstolo da caridade, a virtude por excelência.

Quantas vezes, precisando repouso, cansado, exausto dum dia fatigante dedicado aos seus doentes com escasso tempo para se alimentar, ele ia à cabeceira dum outro, numa chamada urgente, doente pobre, gente muito humilde, que como único recurso na sua miséria, na tristeza da sua vida de enfermo, era bater à porta do sr. Dr. Palma.

(Continua na 3.ª página)

TROVA

Ao mestre que não é vero
Em ciência, nunca alguém
Pode agradar, porque um zero
Não dá valor a ninguém.

V. P.

Sérgio Páscoa



Vencedor de S. Paulo

(Ver notícia na 5.ª página)

O Homem, o Tavirense, o Orador e o Poeta

(Continuação da 1.ª página)

gosto já tenho sofrido dissabores. pouco importa.

Este preâmbulo significa que muitos poderão discordar de mim, mas, em tudo aquilo que vou dizer.

Compreendo-o e aceito-o, como defensor extremo que sou, sempre fui, e espero continuar a ser, da liberdade de opinião, desde que essa liberdade não ofenda o pensamento dos outros homens.

Pois bem, minhas Senhoras e meus Senhores, eu que, por profissão, por educação e ensinamentos paternos, e por temperamento, tento destruir a mentira, ainda que muitas, e muitas vezes, o não consiga, chedeço, cegamente, à verdade.

E é a MINHA VERDADE que V. Ex.ª vão ouvir, não obstante ter no meu pensamento, porque a ensaiei, como amador de teatro que fui, a célebre obra de Pirandello, «PARA CADA UM, SUA VERDADE»...

Por outro lado, o que V. Ex.ª vão ouvir é, ainda, um bocadinho da minha alma, é o testemunho, vivo e sincero, da admiração que sempre tive por um Homem que foi meu grande Amigo.

Consequentemente, há, naquilo que terei, corajosamente, e, sobretudo, BENEVOLAMENTE, a paciência de escutar, farrapos da minha alma; há, estou certo, muito do apontado subjectivismo.

Estou absolutamente convencido de que assim acontecerá e se verificará. De resto, mal iria ao homem se, falando dum Querido Amigo, nas suas FALAS OU PALAVRAS não colocasse um pedaço do seu coração...

Eu coloquei-o. Digo-o sem arrependimento; digo-o com orgulho; digo-o, mais, com altivez.

Todavia, o indicado subjectivismo e o meu coração, não ofuscarão a JUSTIÇA que, objectivamente, debruçada sobre o HOMEM, o TAVIRENSE, o ORADOR, e o POETA, vou fazer, vou prestar a Isidoro Manuel Pires.

Estão postas as «premissas». A conclusão do «silogismo» será ditada por todos os presentes...

Minhas Senhoras e meus Senhores: Há uns anos, alguém fez-me esta pergunta:

Por que é que V. tão querido de Isidoro Pires, convivendo com ele durante largos anos, amigo íntimo, como ele foi, de seu Pai, POR TUDO ISTO, pelo menos, não faz uma conferência sobre o HOMEM, o TAVIRENSE, o ORADOR, e o POETA que foi Isidoro Pires?

Respondi, então, que, talvez, em qualquer altura, daria a resposta à pergunta acabada de me ser formulada.

O tempo foi passando, e eis senão quando esse mesmo alguém, há relativamente pouco tempo, repete a dita pergunta.

Prometi que, logo que tivesse tempo disponível, falaria, ainda que pobremente, ainda que apressadamente, em conversa modesta, desse meu grande Amigo que em vida se chamou... ISIDORO MANUEL PIRES, do HOMEM e da SUA OBRA, servindo-me duma expressão alheia, e do TAVIRENSE e ORADOR que ele foi.

E o cumprimento dessa promessa que aqui me traz.

Mas, Minhas Senhoras e Meus Senhores, não foi, não é, e não será a minha eterna amizade por Isidoro Pires que me leva ou levará a preferir as palavras que a seu respeito ides ouvir.

NÃO!... Para lá da amizade em vida, para lá, muito para lá, da recordação do Querido Amigo que repousa, para sempre, no túmulo, há, em mim, um sentimento de justiça, sentimento de justiça que, por fim e ao cabo, me trouxe perante vós, e ao qual, adrede, já me referi, passos atrás.

E nesta hora, em que tanto se fala de justiça, mas em que os direitos de cada um, DIA A DIA, são postergados, aviltados e espezinhados, no mundo, falar de Isidoro Pires, prestar-lhe JUSTIÇA, é nobre, é salutar e... FAZ BEM.

Minhas Senhoras e Meus Senhores: Convivi com Isidoro Pires desde a minha tenra idade. E só quem, como eu, com ele conviveu, poderia ou poderá avaliar da grandeza da sua alma, da fulgurância do seu talento, do acrisolado amor que ele tinha por esta cidade.

TINHA DEFETOS? QUEM OS NÃO TEM? QUEM OS NÃO TIVER QUE LHE ATIRE A PEDRA BIBLICA!...

Em Isidoro Pires havia a nobreza do porte, havia o desassombro de convicções, políticas ou religiosas, havia o coração do amigo desinteressado, EXISTIA uma alma sempre pronta a dar-se ao seu semelhante... com prejuízo de si próprio.

E nestes tempos em que vaidade, orgulho, interesse, ganância sem limites, preponderam, é de dizer: — ISIDORO MANUEL PIRES: — PRESENTE!!!

Quem conheceu, quem estiver lembrado da sua figura, do seu rosto e, até, da sua maneira de andar; e quem, alguma vez, viu, ainda que o

não tenha conhecido, uma fotografia sua, e a tenha observado, tal como aquela que constitui «O PORTICO» do seu livro «VERSOS», reviverá — e serão os primeiros — ou constatará — e serão os últimos — as qualidades do HOMEM que foi Isidoro Pires.

Efectivamente, no seu semblante, e no seu andar sempre vagaroso — e digo isto, porque nunca vi o Poeta apressado — ou constatará — e serão os últimos — as qualidades do HOMEM que foi Isidoro Pires. E do seu olhar, sempre e sempre brilhante, vendo, para além do mundo real, novos e outros mundos, bem como da sua testa larga e imponente, resultava a certeza da sua grande inteligência. Graças a ela, com o «DOM» que o destino lhe deu, Isidoro Pires, além de verdadeiro autodidacta, fez a Obra que nos legou.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Acabando, como acabei, de focar o HOMEM, passemos ao TAVIRENSE.

Pela sua terra, fez tudo o que lhe foi possível fazer.

Em 1925, então Presidente da Câmara Municipal, criou a... «sua» BANDA MUNICIPAL, essa BANDA que tanto honrou esta terra e que veio a acabar por «obra e graça» de MAUS FADOS...

E criou a sua BANDA, porque Isidoro Pires tinha o culto da música, da arte, da beleza, enfim, surgissem elas donde, ou aparecessem aonde FOSSE.

Tanto apreciava uma ópera, como se deliciava com as «módihas e desgarradas» dos antigos bailes de S. João, desde que nelas houvesse harmonia, ritmo, graça e ingenuidade, em suma.

Para mostrar o embevecimento de Isidoro Pires pela música, eu lembro, Senhoras e Senhores, as antigas cerimónias da Semana Santa, na Igreja, na Igrejainha «da Misericórdia».

Durante vários anos, por persuasão de minha santa Mãe e com o conformismo democrático de meu querido Pai, assistí, muito menino, a essas cerimónias, então verdadeiramente pomposas.

Eu recorde-me de, nessa altura, — se a memória do velho que, quase já sou, não me atraíça — uma orquestra, sob a chefia do grande Pavia de Magalhães, executor, primorosamente, números de música sacra, que ainda hoje, tantos anos volvidos, a minha memória auditiva não esqueceu.

E neste desbobinar de recordações da minha meninice, eu lembro-me de que a tais cerimónias havia uns «ternos presentes, alguns deles por via dessa música, às ditas cerimónias, entre eles se contando, SEMPRE, Isidoro Pires.

E recorde-me ainda de que, depois, Isidoro Pires, entusiasmado, como que desprendido da terra, cantorava, trauteava, a música sacra que antes ouvira.

Foi esta sua predilecção pela música, Senhoras e Senhores, que o fez, quanto a mim, criar a BANDA MUNICIPAL DE TAVIRA, criação que tantos dissabores, injustos e, por isso, odientos, lhe deram.

Entretanto, Isidoro Pires deixou a presidência da Câmara, para a ela tornar muitos anos depois.

E agora, além da resolução de outros problemas camarários, eis que Isidoro Pires, de novo na chefia da edilidade municipal, transforma a «cerca» imunda que era o Parque da Galeria, num recinto engraçado, com lagos, repuxos e flores, de que Tavira jamais se envergonharia.

Por tal empreendimento, foi mais uma vez malsinado.

Apesar disso, a sua obra ficou, enfrentando e ripostando ao «mal-dizer» dos videirinhos que há em, e... por toda a parte.

Razão tinha ele, conhecendo os homens e prevendo o «post-mortem», quando escreveu a seguinte quadra:

«As pedras que o mundo atira
Aos homens de alma e talento,
Na vida são o desprezo,
Na morte são monumento...»

Continuemos:

Já lá diz um escritor: — A terra que nos viu nascer, é segunda mãe, também.

Isidoro Pires, filho amantíssimo de seus Pais, por quem ele tinha verdadeira veneração; irmão extremo, desde sempre, e até ao fim, de Manuel Virgínio Pires, concebia, estou certo, esta Tavira, como sendo, também, a sua segunda mãe.

E vem desde já a propósito, ler uma composição de Isidoro Pires, pela qual se vê o seu amor por TAVIRA, título que ele deu a tal composição. Aqui está TAVIRA:

«Fui há muito conquistada
Nesta colina sagrada
Pelo sangue e pela fé;
Como reliquia de amor,
Guardo o meu conquistador
Num sacrário, aqui ao pé...»

«Oh! quanta recordação
Eu trago no coração
Deste aprazível lugar!
Não me passa da memória
Que vultos grandes da História
Viram em mim um altar.»

«Eu, a chorar, vi partir
E, a sorrir, eu vi chegar
Tanta, tanta embarcação!
Entre bandos de gaivotas,
Iam e vinham as frotas...
Que bela recordação!

«Quando a noite vai erguendo
O seu véu na imensidade,
Vai nascendo e vai crescendo
No meu peito uma saudade.»

«Eu sou Tavira
A saudosa donzela
Que não anda na rua,
Nem se põe à janela.
Das miragens do meu coração,
Eu sou como a Lua
Em noites de estio,
Beijando o chão,
Dormindo no rio.»

Saliento, desta composição, dois passos:

Um, a recordação, a saudade do Poeta, pelos recuados tempos em que TAVIRA tinha um porto de intenso movimento, em que esta cidade era progressiva. E o Poeta chora, porque ela, hoje, é diferente.

Outro passo, é aquele em que Isidoro Pires, com meiguice, com graciosidade, descreve, e alude, ainda que veladamente, à quietude, à calma, ao silêncio — digamos — desta terra, que por tudo isto é conhecida por «BELA ADORMECIDA».

Ainda sob este aspecto do TAVIRENSE Isidoro Pires:

Altas horas da madrugada, em pleno Alto de Santa Maria, vindo, ao longe, o oceano enorme e, a seus pés, o casario desta cidade, Isidoro Pires, como que iluminado, disse-me, TANTA VEZ, o seguinte: — Olha, Carlos. Repara que a nossa cidade é linda. TENHO ORGULHO EM SER TAVIRENSE.

E declamando preciosas composições da sua autoria, citava COELHO DE CARVALHO e a afirmação deste poeta e escritor de que TAVIRA é a mais sagrada das terras que o mundo tem.

Era, assim, o TAVIRENSE Isidoro Pires.

Mas, Minhas Senhoras e Meus Senhores, poderão V. Ex.ª estranhar, e com toda a razão, que eu, então apenas com doze anos, passasse fora de casa até altas horas da madrugada, sem a costumada repreensão paterna, e que Isidoro Pires tivesse a triste ideia de declamar e pedir impressões a um garoto de 12 anos, como eu era.

Natural a estranheza de V. Ex.ª. Muito simples, porém, a explicação que de boa vontade vou dar.

Por um lado, meu Pai, aliás rigoroso em hábitos e costumes do filho, ficava tranqüilo, quando sabia que eu regressava, tarde, a casa, por ter estado em conversa com Isidoro Pires.

Por outro lado, Isidoro Pires tinha embevecimento pela criança, tal como tinha pela flor.

Daí, ele, muitíssimo mais velho do que eu, CONTRACENAR — digamos — comigo, e pedir a minha inocente opinião sobre o que ele — o Poeta — havia escrito.

E nesses momentos, Senhoras e Senhores, e ainda hoje, parece-me ouvir Isidoro Pires dizer, como JESUS NAZARENO, «deixai vir a mim os pequeninos».

Sem adiantar, eu não posso deixar de me referir ainda ao TAVIRENSE, Director do Jornal «POVO ALGARVIO».

E falo dele, como tal, nesta parte da minha palestra, e não noutra, porque foi o seu amor a Tavira que o levou a aceitar a direcção do «Povo Algarvio», direcção de que nunca teve benesses ou lucros, direcção que ele exerceu, embora pareça ser falso, eficientemente, proficientemente e acrisoladamente.

O Jornal era o defensor dos interesses locais e regionais. ERA A VOZ DA CIDADE, pois outro não existia, e, como se costuma dizer, uma terra sem jornal é como que um corpo sem voz.

Pois bem: — Sempre apagado, como que escondido, era nessa solidão que, APESAR DELA, ele, o Isidoro Pires, orientava e dirigia o Jornal, anuindo ao que de bom, ou cortando o que de mau, se pretendesse publicar no «Povo Algarvio», incluindo, até, a própria redacção dos artigos.

Sou testemunha disso, pelo que me foi dado constatar por mais de uma vez.

Assim, em certa ocasião, apreciei o ressentimento de alguém, por Isidoro Pires ter-lhe censurado e cortado um artigo (a ele enviado para a sua casa da Atalaia), por duas razões: — OFENSA A TAVIRA E AOS TAVIRENSES E... PESSIMA REDACÇÃO.

Nada mais é preciso dizer, para confirmar o que deixo dito. *Quod erat demonstrandum...* EM BOM LATIM E EM BOA VERDADE...

Agora, o ORADOR: De porte imponente quando discursava, de dicção perfeitíssima, de gesto suave e elegante, gesto que traduzia e antecipava, até, aquilo que o ORADOR ia dizer, ouvi e aprelei vários, inúmeros discursos de Isidoro Pires.

Assim, por exemplo, e se bem estou lembrado, eu recorde um admirável discurso que Isidoro Pires proferiu a uma das janelas da Câmara Municipal, na manhã de 1.º de Dezembro de 1925, quando, pela primeira vez, a sua BANDA veio para a rua. Tinha eu — ai que saudades!... — oito anos de idade...

E, sempre exemplificando, eu recorde um célebre discurso que ELE proferiu na Parada do Quartel, então de Infantaria 4, na comemoração anual do dia 9 de Abril de 1918. E recordando-o, parece-me, neste momento, estar a ver e a ouvir Isidoro Pires, empolgado, entusiasmado, arrebatado mesmo, em plena Parada, a invocar os mortos desse 9 de Abril de 1918, e a fazer a apologia que ele, então, fez, das Mães de Portugal.

E mais tarde, muito mais tarde, quando o ORFEAO DE BEJA visitou Tavira, Isidoro Pires, agora novamente Presidente da Câmara, nessa qualidade e em sessão solene realizada no nosso Teatro de então, foi mais uma vez empolgante, ao dar, em nome do seu concelho, as boas-vindas a quem nos visitava.

Nessa altura, eu já aluno do 1.º ano da Faculdade de Direito de Lisboa, apaixonado por poetas, prosadores e oradores, parecia-me ver em Isidoro Pires, pelo garbo, pela maneira de dizer, pela perfeição da frase, e ATENDENDO AO QUE ME TINHA SIDO ENSINADO POR MESTRES ILUSTRES E CUJOS ENSINAMENTOS RECEBI, um novo António Cândido, um dos mestres da arrotória em Portugal.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Passemos ao «POETA E A SUA OBRA»:

Enfrentando a última parte da minha palestra, eu entendo que para se apreciar a obra dum poeta e enquadrá-lo, por obrigação, por coerência, em qualquer escola literária, há, antes de mais, que focar, como no caso presente, uma faceta ou facetas desse Poeta, ou seja, de Isidoro Pires.

Por um lado, ele era um enamorado da vida, vida que o Poeta sentia com optimismo. Reparem V. Ex.ª que eu disse SENTIA, e empreguei esta expressão intencionalmente, pelo que a seguir referirei.

Há no Poeta o sentimento de que a vida deve ser vivida com alegria, com amor, admirando tudo quanto de belo ela nos oferece.

Ao mesmo tempo, porém, circunstâncias particulares «turvavam» aquele «gosto de viver».

Daí, desiludido, com desespero talvez, a quadra que ele escreveu:

«Nesta vida malfadada,
Não me importava morrer,
Mas a morte é tão, malvada
Que leva quem quer viver...»

Mas a par do que, assim, o torturava, Isidoro Pires cantava, em belas quadras, as fogueiras e os amores de S. João, demonstração completa do seu optimismo, da sua euforia pela vida.

Compararemos e demonstraremos:

«Rapazes e raparigas
O baile de S. João,
E o baile das cantigas
Que bailam no coração.»

«Bailam estrelas no Céu
Na noite de S. João;
Bailas tu e bailo eu,
Baila o nosso coração.»

«Fogueira de S. João,
Eu te peço com ardor
Que o teu fumo vá levar
Saudades ao meu amor.»

Quem escreve quadras destas, jamais poderá ser um pessimista, um desiludido da vida, por sistema, por temperamento.

E Isidoro Pires era assim, sempre assim seria, se outras razões não houvessem para o transformar. Mas essas razões apareceram. E eis que o Poeta, manifestando a sua turtura de alma, proclama:

«Quem no mundo vê a sorte,
A toda a hora perdida,
Não lhe causa medo a morte,
Pois já anda morto em vida.»

Passemos à frente:

Naturalmente bom, comovia-se com o sorriso de uma criança, tal como se comovia com o sobrecenho carregado dum velho desiludido desta vida.

Além disso, era um crente; era, como todos sabem, católico.

E essa sua Fé reflecte-se em muitos dos seus versos, como tentarei demonstrar.

Isidoro Pires acreditava na vida eterna, para lá da morte.

Para ele, havia como que uma simbiose do homem com DEUS. E daí, embora na terra, ele meditar no que está ou estaria para além da morte, mistério, PARA ELE, insondável. Desta sua atitude, surgiu, DELE, a seguinte quadra:

«A cruz que a devoção
Faz erguer no cemitério
É o traço de união
Entre o Homem e o Mistério.»

Ninguém, quanto a mim, definiu, com tanta beleza e ternura, a cruz que se coloca em cada sepultura.

Para uns, será ornamento; para outros, manifestação de vaidade; e para outros, enfim, será devoção, aquela devoção que o Poeta salienta na dita quadra. PARA ISIDORO PIRES, PORÉM, ESSA CRUZ É SIMPLEMENTE isto: — o traço de união entre o Homem e o Mistério.

Quereis mais bela, mais sublime, definição de tal cruz?

Mas Isidoro Pires desdobrava-se. Em quase todo o poeta de raça, há uma inacta inclinação para certo género de verso, como por exemplo, em João de Deus, João Lúcio, Bernardo de Passos, Cândido Guerreiro, António Aleixo, para mais não citar, entre tantos outros poetas algarvios.

Em Isidoro Pires, há o Poeta que se transforma, que se multiplica. E com esta afirmação não quero comparar. Mas a verdade é que, ao lado da quadra popular, decorada e cantada por toda a gente, tal como em,

«Maria, toma cuidado,
Se como pisas o chão,
Se dás um passo mal dado,
Pisas o meu coração...»

... há o SONETO, como MADALENA, que V. Ex.ª irão ouvir, depois da explicação que vos vou dar do modo como surgiu este soneto. Ei-lo:

Procição de Sexta-Feira Santa, em Tavira, Isidoro Pires caminha, segue, atrás do «Pálio», em plena Praça da República, e em direcção à ponte; e, então, num arrebatamento, começa e finda aquele SONETO, mistura de místico e de profano:

Quem mo disse? Quem mo revelou?

Alguém, hoje residindo no Porto, dado que eu não ia na procição.

Eis, Senhoras e Senhores, o Soneto MADALENA:

Continua na 5.ª página

NECROLOGIA

(Continuação da 6.ª página)

Giuseppe Cocco e Capitão Eduardo Maria Pacheco Pinto e irmão da sr.ª D. Judite Pacheco Pinto.

A sua morte foi bastante sentida, especialmente em Olhão, onde o falecido gozava de gerais simpatias pelos seus excepcionais dotes de coração.

Os seus restos mortais foram transportados em auto-funebre para Olhão, onde se realizou o funeral no passado dia 11 e no qual se incorporaram centenas de pessoas de diversos pontos da provincia.

Fomos surpreendidos pela infausta notícia, que muito nos penaliza, do falecimento daquele nosso bom amigo a quem nós ligávamos velhos laços de verdadeira amizade.

A família enlutada apresentamos a sincera expressão do nosso pesar.

Atenção Automobilistas

Cuidado com as estradas em reparação

Aproveitando a presente época estival, e como é normal fazer todos os anos, a Junta Autónoma de Estradas está a proceder a trabalhos de conservação de pavimentos em estradas nacionais, os quais incluem o espalhamento do areão ou gravilha sobre revestimentos superficiais betuminosos. Devem, por isso, os automobilistas reduzir prudentemente a velocidade dos seus veículos, nos troços em que seja ainda recente aquele espalhamento do areão ou gravilha.

Aproveita-se a oportunidade para referir, em breves palavras, a razão por que se faz esse espalhamento.

Constituem um pavimento betuminoso pedras ligadas por um produto aglutinante adequado, geralmente o betume asfáltico. Para ser mais perfeita, é conveniente que essa ligação se faça com tempo seco e quente, pelo que é no Verão que se verificam os referidos trabalhos. A maneira mais simples e económica consiste em espalhar uma película de betu-

Continua na 5.ª página

Câmara Municipal de Olhão

Anúncio

Faz-se público que no dia 11 de Agosto próximo, pelas 15 horas, no edifício dos Paços do Concelho e sala de reuniões da Câmara Municipal, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada da obra de «Reparação da E.M. 514, de Tavira à E.N. 270 (S. Brás de Alportel) — 5.ª fase — terraplanagem e obras de arte, pavimentação a macadame numa extensão de 1 389,48 m».

A base de licitação é de 222 006\$00

O depósito provisório, a efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, mediante guia passada pelo próprio, é de 5 550\$20, sendo o depósito definitivo da importância de 5% da adjudicação.

O Programa de Concurso, Caderno de Encargos e o Projecto estão patentes, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, nos Serviços de Obras desta Câmara Municipal.

Paços do Concelho de Olhão, 9 de Julho de 1965.

O Presidente da Câmara

Alfredo Timóteo Ferro Galvão

Frangos-as

Vende, O AVIÁRIO DA QUINTA DO MIRANTE, de raças puras importadas do estrangeiro: WHITE ROCK e CORNISH, para reproduções. PATOS de mesa PEQUIM.

LUZ DE TAVIRA

TELEF. 14

Câmara Municipal de Tavira

EDITAL

«Construção da E.M. 504 — Lanço entre Cachopo e o Limite do Concelho de Loulé — Troço de Cachopo a Vale João Farto — 2.ª fase

Torna-se público que, conforme deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião de 5 do corrente mês, se encontra aberto concurso público para a empreitada da obra de «Construção da E.M. 504 — Lanço entre Cachopo e o limite do concelho de Loulé — troço de Cachopo a Vale João Farto — 2.ª fase», cuja adjudicação será feita na reunião de 5 do próximo mês de Agosto.

A base de licitação é de 240 073\$00, devendo os concorrentes instruírem as suas propostas nos termos do respectivo programa e entregá-las na secretaria desta Câmara Municipal até às 16 horas do dia 4 de Agosto próximo.

O projecto e demais elementos respeitantes à empreitada em epígrafe, acham-se patentes ao público na Repartição Técnica de Obras Municipais, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório é de 6 000\$00

Tavira e Paços do Concelho, 8 de Julho de 1965

O Presidente da Câmara,

Jorge Augusto Correia (Dr.)

HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO
ABERTO TODO O ANO

1.ª CLASSE-A — 200 QUARTOS

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

Telef. 321 - 322 - 323

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Arrenda-se ou dá-se de meias

Uma propriedade no sítio de Amaro Gonçalves, de sequeiro e regadio, 2 noras uma com motor, com os 4 ramos, casas de habitação e várias dependências.

Tratar com Joaquim Gaspar Gonçalves, Rua das Olarias, 21 — Tavira.

ARRENDAMENTO

Uma horta, no sítio do Pinheiro, freguesia da Luz, com nora, abundância de água, diverso arvoredado, casas de habitação e suas dependências.

Tratar com o seu proprietário, António de Mendonça Lindo, no referido sítio.

ARRENDAMENTO

Propriedade com terra de semear, nora, árvores de frutos, no sítio de Santa Margarida.

Quem pretender dirija propostas a Coronel Baptista Pereira, Av. Miguel Bombarda, 141, 4.ª — Lisboa.

Ligações ferroviárias entre Portugal e a França pelo «Sud-Express»

Comunica-nos a C. P. que no propósito de se melhorarem as ligações ferroviárias entre Portugal e a França, facultando-se paralelamente maior conforto ao Público pelo maior número de lugares oferecidos, foi resolvido tornar independente do ramo espanhol o «Sud-Express» que circula entre Lisboa e Hendaia e entre Irun e Lisboa.

Neste novo ramo do «Sud-Express» circula, em todo o seu trajecto, uma carruagem-restaurant que assegurará, aos passageiros que o pretendam, um eficiente e completo serviço de refeições, tanto normais como avulsas.

São mantidos os horários em vigor no percurso nacional, bem como no trajecto francês.



Um grande amigo da Cidade de Tavira

(Continuação da 1.ª página)

Em todas as terras onde exerceu a clínica com o seu saber, roubou a morte legiões de seres humanos; e tanto se dedicava aos seus doentes que se apoquentava também com os seus desgostos pessoais e faltas materiais; para lá do enfermo corpo aconselhava, tentando socorrer por todos os meios.

Se algumas vezes, cansado, saturado por exaustivo trabalho se tentava esquivar, não durava dois minutos o seu rebate de consciência e lá seguia cheio de pressa, condoído já.

Homem raro, o sr. Dr. Palma! Almas destas só vêm ao mundo, de cem a cem anos.

Sacerdote do bem-fazer, sem olhar a caras nem a credos, desaparece um grande amigo de todos nós.

Tratou e obsequiou com os seus cuidados todos os tavirenses; todas as camadas sociais lhe ficaram a dever favores para os quais muitas vezes não há dinheiro que pague.

Só a doença que cruelmente o vitimou, o afastou do seu apostolado, do seu ofício, que encheu toda a sua vida, vida que não foi vulgar porque o Dr. Palma exercendo com heroísmo, cansando-se, devotou-se inteiramente ao ideal que escolheu.

Gloriosa vida foi a sua, vivida como um sacerdote admitindo somente o cumprimento do dever.

O seu bom coração, a sua alma de eleição, a sua veemente caridade pelo próximo se revelaram em milhares de consultas grátis em horas que roubava à sua família ao seu indispensável repouso.

Os seus carinhos e extremos cuidados levaram-no a visitar os doentes em perigo nas primeiras horas da manhã, sinal de que o mal alheio lhe tirava o sono, e não ia só uma vez, mas mais vezes durante o dia, chegando a ser ele, o médico, que lhes ministrava os medicamentos, com receio que a família se descuidasse.

A cidade tinha no sr. Dr. Palma o maior amigo e não só em casos profissionais ele alcançava êxito, mas ainda em lares com problemas graves encontrando as figuras em questão, se acercava delas dando valiosos conselhos, um parecer, censurando, ralhando se preciso fosse para ajudar a resolver e tornar equilibrada, a harmonia desse lar.

Um homem admirável, que traçou uma directriz para a sua vida e nunca fugiu dela. Cidadão de uma só face, sincero, aberto, sem ter que esconder nada a ninguém da sua pura, da sua honesta vida.

Grande glória para a sua mãe, ter dado ao mundo um homem de tão exaltadas virtudes, de tanto valor.

Nunca se fez uma homenagem a esse médico distinto, que caminhou pelas ruas da cidade dando todo o seu esforço, todo o seu engenho para salvar vidas, dando o seu coração a todos que do seu amparo necessitavam mas principalmente aos pobres a quem tantas vezes além de não receber dinheiro ainda o dava da sua algibeira para comprarem os medicamentos, se os não tinha das amostras que lhe eram oferecidas.

Na sua doença, aos amigos que o iam visitar e conversar um pouco, ele mostrava o seu bondoso sorriso, a sua afável simpatia tentando animar os tristes semblantes que dele se acercavam.

Aceitou o seu destino sem se lamuriar com uma grandeza de alma que toca o sublime!

Passo a passo, conheceu a derrocada de si próprio. Finou-se essa energia heróica. Médico militar, tratando todos com carinho e cuidados de um pai, médico civil na cidade e hospital e sempre vigoroso e activo. Epidemias, consultório cheio, noites em branco, doentes vindos de fora á fama do seu saber, da sua eficiência, sempre honesto, sempre condoído, anos sobre anos.

Desprezando honrarias, pois só os grandes espíritos são irmãos da singularidade, ao declarar as suas últimas vontades simplificou toda a cerimónia do seu funeral, mostrando mais uma vez a sua modéstia pois nunca a vaidade o ensombrou.

Para poupar desgostos maiores do espectáculo da sua agonia aos seus familiares, assim que sentiu que estavam contadas as suas horas de vida quis entrar para o hospital. Disse um comovido adeus à sua querida casa e já não teve coragem para olhar a sala do seu consultório onde tantas horas tinha passado dos seus dias de labor, horas felizes que tinham cessado, onde se desdobrava a favor dos estranhos mas que ele com a virtude da sua caridade considerava como filhos (expressão que tanto usava), e como irmãos.

Com todo o seu sangue frio, com toda a sua razão, esse herói, esse gigante, tratou de todos os assuntos que lhe diziam respeito e aos seus, para além da morte, pois só ela foi mais forte do que a sua coragem, do que a sua generosidade, que residia no seu exemplar comportamento, como militar, como homem, como filho, como pai e esposo, na vida limpa como um espelho onde não havia a mais leve sombra.

Na sexta-feira dia 2, dolorosa notícia sobre o Dr. Palma começou a correr de boca em boca, ao saber-se que tinha entrado em agonia. Todos os tavirenses se entristeceram e todos tinham algo de maravilhoso que contar acerca do Dr. Palma, actos de

bondade, caridade e amor ao próximo...

No sábado, dia 3, um arrepiou sobre a cidade e Tavira arrefeceu e anevou-se.

Falecera o sr. Dr. Palma.

No seu leito de morte, hirto, solene, representava para todo o povo, o exemplo, o símbolo, a amostra de que só é forte e herói quem se vence a si mesmo, quem se impõe pelas suas virtudes, pelo seu carácter, que vence em si mesmo todas as batalhas, quem renega da vaidade ao dinheiro, às honrarias, quem não tem nada a esconder, quem planeou ter uma vida transparente como um cristal.

Domingo, dia 4, já muitas pessoas, às centenas, se prostavam em homenagem perante a urna do extinto, mas mais chegam e outras ainda se vão juntando.

No derradeiro turno os militares perfilados, parte deles sem terem conhecido em vida a figura que agora velam, mas já sabendo que está ali um homem de valor, tombado para sempre.

De fóra da terra chegam amigos, pessoas ilustres que nunca esqueceram o sr. Dr. Palma e vêm pela última vez depor a seus pés a sua gratidão, a sua homenagem.

Figuras de representação, a família, ricos e pobres se acercam e rodeiam o féretro.

Alas se formam e a urna coberta com a Bandeira Nacional, passa pelas ruas da Cidade aberta a um sol radioso.

O cortejo fúnebre é extenso como há muitos anos não acontece em Tavira. Uma massa compacta de povo, seres onde a máguia se instalou, onde a gratidão impera e o respeito conduz; Tavira inteira tem o luto no coração.

No cemitério perante a urna aberta, sua Excelência o Presidente da Câmara com a voz embargada pela comoção, declara: «Que por expres-

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente durante a presente semana a Farmácia Montepio.

S. LUIS PARQUE

FARO

Hoje, em cinemascopo e tecnicolor, *Mercadores de escravos*, 12 anos. O filme, «A Sombra do Zorro», passou para o próximo domingo.

Segunda-feira, A companhia do Teatro Maria Vitória com a famosa revista, *Sopa no Mel*, 17 anos.

Terça-feira, o filme bíblico, *A História de David e A Vingança do Zorro*, 12 anos.

Quinta-feira, *Tômbola*, com Marisol e *Tim-Tim e o mistério das laranjas azuis*, também na esplanada, 6 anos.

Sexta-feira, *Território fora da lei e Romance em Itália*, 12 anos.

Sábado, *O Analfabeto*, com Cantinflas, 6 anos.

Arrenda-se

Uma propriedade de sequeiro e regadio com laranjeiras, algumas árvores de fruto, oliveiras, figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras, casas de habitação e várias dependências, no sítio do Pinheiro.

Tratar com José Correia da Amoreira — Amaro Gonçalves.

Arrenda-se

Fazenda de requeiro, com bastante arvoredado, alfarrobeiras, oliveiras, amendoeiras e casas de moradia, por 3 anos.

Dirigir propostas em carta fechada, até ao dia 10 de Setembro p. f. a António Santos Beleza, Avenida Dr. Mateus Teixeira de Azevedo, 68 — Tavira. Reserva-se o direito de não entregar casonão in teresse.

AS FESTAS DO NATAL,
ANO BOM E REIS NO ALGARVE

SUBSÍDIOS DE ETNOGRAFIA E FOLCLORE (12)

por J. Fernandes Mascarenhas

VII — TRADIÇÕES DO NATAL ALGARVIO

O REGRESSO DO FIDALGO

À saudade do lar e da terra era grande, embora ele fosse um homem de ânimo forte, habituado a combater nas plagas do Magreb, em defesa das praças de Fez, Tânger e Mazagão.

A quadra do Natal aproximava-se a essa grande saudade mais se acentuava à medida que os dias iam passando.

Fidalgo de nobre estirpe, tinha deixado o seu solar no ridente Algarve, entregue aos cuidados de sua mulher que, rodeada de filhos e criados, ansiava pelo seu regresso.

Se o fidalgo não chegasse não haveria festa no solar pelo Natal, Ano Novo e Reis. Passariam esses dias festivos entregues à meditação dos factos que determinaram tais festas.

Quando estavam em tais conjecturas, eis que no dia 24 de Dezembro, de madrugada, ouvem bater as grandes argolas do velho portão da casa.

De sobresalto abrem a porta e quem surge? O fidalgo e guerreiro, alegre por ter cumprido os seus deveres para com a Pátria, poder abraçar os seus que há muito tempo os não via e passar a consoada no romanso da sua casa.

Toda a gente se ergue para o saudar e mal o sol nasce, tudo se apresta para que as festas no solar tenham o esplendor tradicional de outros anos atrás. O fidalgo quer, porém, que elas se revistam de um cunho marca lamente algarvio.

O dia rapidamente se passou em narrativas dos factos ocorridos em África, que tanto honraram o brasão da família e veio a noite — a grande noite de Natal.

Cerca das onze horas, tudo se dirige para a Igreja Matriz da aldeia que fica um pouco distante do solar. Vão à tradicional Missa do Galo, quer por devoção sincera, quer também para darem o exemplo aos seus servidores e familiares.

À meia-noite, o velho prior revestido de longa casula branca bordada a ouro, inicia a celebração da Missa que o Povo acompanha com cânticos próprios da quadra festiva. E no final da cerimónia o fidalgo e os seus vão beijar a imagem do Menino Jesus que, entre incenso, luzes e flores é retirado do Presépio, enquanto os sinos repicam alegremente, anunciando o grande acontecimento passado em Belém, que o povo festeja com as suas maiores galas e, sobretudo, com o melhor da sua alma e da sua fé.

Terminada a Missa o fidalgo e a família regressam a casa, para darem início à tradicional ceia do Natal, de cuja ementa fazem parte o lombo de porco frito de vinha de alhos, as linguças assadas no espeto, acompanhadas de pão de trigo e legadas com vinho das vastas propriedades do fidalgo, assim como os bolos folhados e as laranjas.

(CONTINUA)

Câmara Municipal de Tavira

O FADO!...

EDITAL

Beneficiação de Fontes Públicas no Concelho de Tavira — 2.ª fase

Torna-se público que, conforme deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião de 5 do corrente mês, se encontra aberto concurso público para a empreitada da obra de «Beneficiação de Fontes Públicas no Concelho de Tavira — 2.ª fase», cuja adjudicação será feita na reunião de 5 do próximo mês de Agosto.

A base de licitação é de 176 351\$00, devendo os concorrentes instruírem as suas propostas nos termos do respectivo programa e entregá-las na secretaria desta Câmara Municipal até às 16 horas do dia 4 de Agosto próximo.


O projecto e demais elementos respeitantes à empreitada em epígrafe, acham-se patentes ao público na Repartição Técnica de Obras Municipais, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório é de Esc. 4 409\$00.

Tavira e Paços do Concelho, 8 de Julho de 1965

O Presidente da Câmara,

Jorge Augusto Correia (Dr.)



A Vossa hernia

Deixará de vos preocupar!...

MYOPLASTIC KLÉBER é um método moderno incomparável. Sem mola e sem pelota, este verdadeiro músculo de socorro reforça a parede abdominal e mantém os órgãos no seu lugar.

«Como se fosse com as mãos»

Bem estar e vigor, são obtidos com o seu uso. Podereis retomar a vossa habitual actividade. Milhares de herniados, usam MYOPLASTIC em 10 países da Europa (da Finlândia a Portugal). As aplicações são feitas pelas Agências do

INSTITUT HERNIAIRE DE LYON (França)

Podereis efectuar um ensaio, completamente gratuito em qualquer das Farmácias abaixo indicadas:

Tavira — Farmácia Eduardo Felix Franco - Dia 21 de Julho - só de manhã

Portimão — Farmácia Carvalho - Dia 19 de Julho

Faro — Farmácia Higiene - Rua Ivens, 22 - Dia 20 de Julho

Vila Real de S. António — Farmácia Silva - Dia 21 de Julho - só de tarde

Durante o intervalo das visitas do Aplicador, as Farmácias Depositárias poderão atender todos aqueles que se lhes dirijam para adquirir cintas.

Tribunal Judicial
da Comarca de Tavira

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O Doutor António Luiz Figueiredo Vasco, Juiz de Direito da comarca de Tavira.

Faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados António dos Santos Bolas e mulher Gertrudes dos Reis Páscoa Bolas, ele ausente em parte incerta, com último domicílio conhecido na freguesia da Luz de Tavira e ela residente em Alfundão, julgado Municipal de Ferreira do Alentejo, para no prazo de dez dias posteriores ao dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Manuel Anselmo Contreiras, casado, comerciante, residente nas Campinas da Conceição, comarca de Faro, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Tavira, 5 de Julho de 1965

O Juiz de Direito

António Luiz Figueiredo Vasco

O Escrivão de Direito

Sebastião Baptista Leiria



Agradecimento

José Agostinho

A família de José Agostinho, na impossibilidade de poder fazê-lo pessoalmente, cumpre o dever de agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e bem assim às que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.

Tribunal Judicial
Comarca de Tavira

Anúncio

2.ª Publicação

O Doutor António Luiz Figueiredo Vasco, Juiz de Direito da comarca de Tavira.

Faz saber que correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os interessados incertos para no prazo de 10 dias posterior ao dos éditos, deduzirem, querendo, oposição ao pedido formulado nos autos de acção de justificação judicial, a correr termos por este Tribunal, em que é requerente o Ministério Público e requeridas Maria da Conceição Trindade ou Maria da Conceição Trindade Rocha e outra. No pedido requer-se em substância, seja julgado procedente e provado o direito do Estado — Junta Autónoma das Estradas de Faro à seguinte parcela de terreno já expropriado por utilidade pública: 56 metros de terreno de regadio, onde se encontra radicada uma oliveira grande. Esta parcela foi desanexada do prédio rústico descrito sob o n.º 11.818, sito em Pero Gil, e inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Santiago sob os artigos 985 e 986.

Tavira, 25 de Maio de 1965

O Juiz de Direito

António Luiz Figueiredo Vasco

O Escrivão de Direito

Sebastião Baptista Leiria

O Aviário da Quinta do Mirante

Tem para fornecer a hotéis, restaurantes, casas de pasto, etc, FRANGOS, PATOS e GALINHAS das melhores raças para carne e aos melhores preços

LUZ DE TAVIRA

TELEF. 14

Bairro Alto! Vias estreitas e tortuosas desta velha Lisboa. Madrugada... ao longe ouvem-se os acordes dolentes duma guitarra!...

Instintivamente os nossos passos encaminham-nos para um retiro típico do Fado, num cenário tão cheio de reminiscências da «Severa», que nós faz recordar toda a beleza impressionante e castiça dessa tela maravilhosa do grande Malhoa, que hoje, na parede fria dum museu da capital, nos dá uma imagem viva dessa canção nacional, que é como que o «ex-libris» desta princesa do Tejo!

Entramos. Na «Tipóia», à luz mortua e velada cantava-se o fado. Procuramos um recanto afastado e frente a um «snob» whisky — que dir-se-ia deslocado num ambiente onde só o «carrascão» devia imperar — fomo-nos, a pouco, integrando naquele castiço recanto da velha Lisboa.

O ambiente tem qualquer coisa de irreal, que nos arrasta para um passado distante, que a todo o custo pretendemos manter — nem sempre respeitando o seu princípio histórico — para gáudio e admiração dos turistas que nos visitam.

Circunvagando o olhar pelo que nos rodeia vamos fixando: ao fundo um grupo de 5 jovens com todas as características da geração actual, acompanhadas dum moço «estranho»! Duas saboreiam — não a velha sardinha assada de outrora — mas o vulgar bife com batatas fritas... as restantes bebem café, tomam conhaque e fumam descontraindo! Gente nova... num lugar velho!

Na mesa a seguir, um velhote, talvez saudosos dos tempos em que o fado não estava tão comercializado, rosto entre as mãos, cotovelos apoiados no tampo da mesa coberta com uma toalha de ramagens, parecia ter no olhar toda a nostalgia dum amor já morto.

Junto a nós, na mesa ao lado, uma senhora de aspecto distinto, cabelos já grisalhos — que soubemos ser uma frequentadora de todos os dias, da «Tipóia» — parecia fazer companhia maternal a dois jovens: o «Chico» e o «Manel».

São três horas da manhã. Entra agora mais um grupo de amantes do fado: uma brasileira, de cor, presidida a um conjunto de 5 jovens, alguns de faldas «patilhas» e rostos tismados pelo sol, como que a lembrar alentejanos ou moços do Ribatejo, trazendo no olhar toda a epopeia da lezíria!

À nossa mesa, os proprietários daquele retiro fadista. A esposa uma fadista de raça, da «velha guarda»! Ele, um antigo lavrador ribatejano, que traz ainda no sangue e na alma as cavalgadas pelas planícies onde os toiros são reis e senhores. Algumas fadistas, envoltas nos seus chales pretos de cadilhos, fazem-nos companhia, permitindo assim que mais nos integremos no ambiente que nos cerca.

De vez em quando cantam. Sem saber porquê vamos constatando que quase todas as letras que escutamos nos falam de toiros e toureiros, de valentias, de amores desfeitos, de coragens e sacrifícios!

O tempo vai passando. Sentem-se, na atmosfera que nos cerca, um misticismo estranho que nos transporta para outra

época bem diferente desta em que vivemos.

Um dos jovens que fazem companhia à «senhora dos cabelos grisalhos» — o Chico — pede aos donos da casa para cantar. A guitarra e a viola começam a gemer e logo se ouve uma voz fraca mas melódica que entoa o fado com nostalgia... com tristeza... Dir-se-ia que aquele moço de boas famílias estava no seu verdadeiro ambiente. Acabou de cantar. Todos o aplaudem!

Mas os donos da casa agora pedem: «Eh! Manel! Canta lá o fado!» Não quer aceder. Insistem. Bebe mais um whisky. Levanta-se finalmente. Faz-se silêncio à nossa volta. Vai cantar-se o fado!

E canta. Canta duas, três vezes! Canta cada vez melhor! Com mais sentimento! Com mais alma! Pondo na sua interpretação uma vibração e sentimentalidade que não é vulgar encontrar nos profissionais do fado! Sempre que acaba de cantar naquele recanto do Bairro Alto, ressoam os aplausos, quentes, sinceros, daquele escasso auditório que se esqueceu de que a madrugada já ia alta!...

Finalmente diz: — Para terminar vou cantar o fado «Recordação, que lhe dedico! Ouvem-se trinar de novo a guitarra e a viola. A voz daquele fadista amador toma mais calor e vibração. Dir-se-ia que são bocados do seu próprio coração dilacerado que lhe saem pela garganta, quando recorda amigos que há muito partiram para o Além! Que sentimento! Que alma! Que estranha comunicabilidade aquele moço sabia transmitir na interpretação daquele fado.

De vez em quando, como que em jeito de acompanhamento, ouvia-se: — Eh, Manel! Isto é que é fado! Por fim terminou. Os aplausos não acabavam. Mas... amarfanhado, de cabeça entre as mãos, cotovelos vincados sobre a mesa, aquele «Manel» valente, quase herói, chorava convulsivamente como uma criança! Sentira o que cantara. Ninguém o conseguiu confortar. Chorava. Depois, em silêncio, por muito tempo chorou ainda. Nunca, como nessa madrugada do Bairro Alto, ouvimos o fado ser interpretado com tanto sentimento.

Diziam-nos, os donos da casa: — «Isto, sim, é o verdadeiro fado!» Sabe? Este «Manel» que está a ver ali, sensibilizado, chorando os amigos que há pouco recordou com tão enternecido carinho e saudade, é um verdadeiro valente!»

... Sim, prezados leitores! Aquele Manuel, fadista de Raça, que o acaso de uma noite de boémia nos fez conhecer numa casa típica do Bairro Alto, é um valente, pois trata-se dum dos mais conhecidos pegadores de toiros do Grupo de Forcados de Amadores de Santarém.

Nunca o vimos nas nossas arenas, mas ali, num velho recanto desta Lisboa boémia, deu-nos oportunidade de ouvir pela primeira vez o «Verdadeiro Fado».

É uma certeza: «Nem sempre é feio um homem chorar.»

Vendem-se ou arrendam-se

Duas propriedades no sítio da Palmeira, freguesia da Luz, tendo uma, pomar, nora com abundância de água tirada a motor, dois tanques, casas de habitação e várias dependências, outra com diverso arvoredo, também casas de habitação e suas dependências.

Tratar com Francisco António Pacheco «Lhouta», no sítio da Palmeira — Luz de Tavira.

Tribunal Judicial
Comarca de Tavira

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O Doutor António Luiz Figueiredo Vasco, Juiz de Direito da comarca de Tavira.

Faz saber que correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os interessados incertos para no prazo de 10 dias posterior ao dos éditos, deduzirem, querendo, oposição ao pedido formulado, nos autos de acção de justificação judicial, a correr termos por este Tribunal, em que é requerente o Ministério Público e requeridos João Rodrigues Torres Mendes e outro. No pedido requer-se em substância, seja julgado procedente e provado o direito do Estado — Junta Autónoma das Estradas — à seguinte parcela de terreno: 1460 metros quadrados de terreno de lavradio de segunda onde se encontram radicadas as seguintes árvores: 3 amendoeiras grandes, 5 amendoeiras médias, 5 amendoeiras pequenas, 1 oliveira grande e 1 figueira grande, e fica confrontando ao Norte com Justino Rodrigues Corvo, a Sul e Nascente com Alvaro Torres Mendes e a Poente com a Estrada Nacional n.º 270. Esta parcela foi desanexada do prédio descrito na Conservatória do Registo Predial de Tavira sob o n.º 12.952 a fls. 118 do Livro B-33 e inscrito na respectiva matriz predial rústica da freguesia de Santiago sob o art.º 990.

Tavira, 25 de Maio de 1965

O Juiz de Direito

António Luiz Figueiredo Vasco

O Escrivão de Direito

Sebastião Baptista Leiria

Tribunal Judicial
Comarca de Tavira

Anúncio

2.ª publicação

O Doutor António Luiz Figueiredo Vasco, Juiz de Direito da comarca de Tavira.

Faz saber que correm éditos de 30 dias, contados a partir da segunda e última publicação deste anúncio, citando os interessados incertos para no prazo de 10 dias posterior ao dos éditos, deduzirem, querendo, oposição ao pedido formulado nos autos de acção de justificação judicial que nesta comarca de Tavira o Digno Agente do Ministério Público requereu contra Maria Margarida de Sousa e outras. No pedido requer-se em substância seja julgado procedente e provado o direito do Estado — Junta Autónoma de Estradas — à seguinte parcela de terreno já expropriado por utilidade pública: 6.530 metros quadrados de terreno de lavradio onde se encontram radicadas as seguintes árvores: 14 amendoeiras grandes, 1 alfarrobeira média, 6 amendoeiras médias, cinco amendoeiras pequenas, 4 alfarrobeiras grandes, três alfarrobeiras pequenas, 14 oliveiras grandes e duas oliveiras pequenas. Esta parcela foi desanexada do prédio inscrito na Conservatória do Registo Predial a favor de João Aldomiro de Sousa e Maria Margarida de Sousa e descrito sob o n.º 5390, folhas 45 v.º Livro-B-14, e inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Santa Maria sob o art.º 3805.

Tavira, 25 de Maio de 1965

O Juiz de Direito

António Luiz Figueiredo Vasco

O Escrivão de Direito

Sebastião Baptista Leiria

Caseiro ou rendeiro

Precisa-se para boa propriedade de sequeiro.

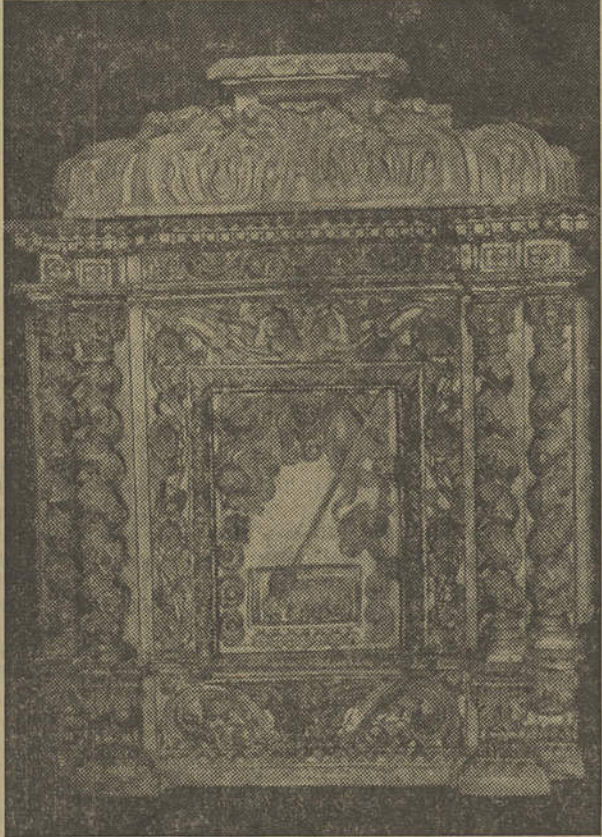
Informa a Quinta da Balieira — Tavira.

Apontamentos para o Museu de Arte Sacra

MOBILIARIO LITÚRGICO (29)

Da Igreja de Senhora das Ondas:

- 13 — Castiçais e candelabros. Muito curiosos. Na Capela-Mor.
14 — Sacrário. De talha rococó. Interessantíssimo. Exposição de Tavira, em 1950.
15 — Jarras com palmetas. Talha prateada.
16 — Púlpito. Com o pedestal em pedra. Coluna de capitel



SACRÁRIO
(Igreja das Ondas)

jónico. A parte de cima em madeira almofadada e entalhada em sua própria cor.

- 17 — Mochos. De forma antiga. Muito largos em baixo.
18 — Orgão. De seis. 14 registros ordinários. Toca mas deficientemente.

Da Igreja de S. Paulo:

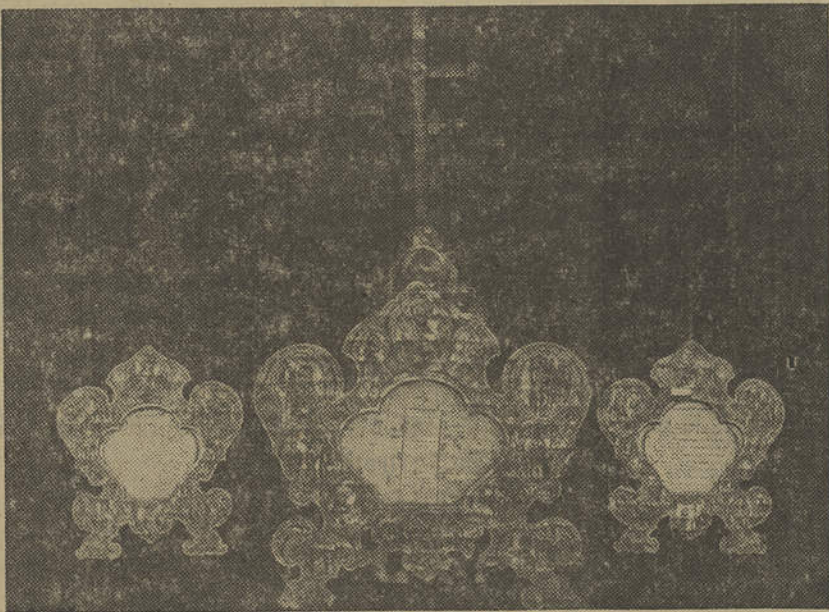
Porta. Ricamente almofadada, apresentando duas cruzes

Da Igreja de S. Brás:

20 — Castiçais. Modelo feio mas original.

Da Igreja do Carmo:

- 21 e 22 — Credências douradas. Duas. Luís XV. Exposição de Tavira em 1950.
23 e 24 — Cadeiras de braços. Duas. Estofadas em veludo carmesim. O espaldar é bordado. Aplicações de lhamas de ouro e recamos de fios de ouro e de prata.
A do lado da Epístola tem assento quadrado e pregaria. A do lado do Evangelho tem o mesmo bordado mas desenho diferente. É mais rica.
Exposição de Tavira em 1950.
25 e 26 — Cadeiras. de espaldar. Sete lugares. Bela talha, com medalhões dourados e um estofado muito vistoso.
Exposição de Tavira, em 1950.
27 — Bancos de missa cantada. Estofado igual ao dos cadeirais. Assento redondo.
28 — Sacras de altar. São de madeira recortada coberta de chapas de madre-pérola, em que os desenhos foram feitos a tinta indelével e, nalguns pontos, com lavramento.



Sacras do altar (madre-pérola)

Sacra maior. Tem, entre ramos, muitos ovais com representações da Paixão de Cristo e seus símbolos. Ao alto: Ressurreição, Encontro com a Senhora e Crucifixo. Nos lóbulos laterais superiores: Coroação de espinhos e Ecce-Homo. Mais abaixo: Ceia do Senhor, Lava-Pés e Entrada em Jerusalém.

CONTINUA

Álvoro Pais

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — Menina Margarida Maria de Neto Lopes.
Em 19 — D. Maria dos Mártires Gonçalves, D. Alda Maria Pinto Santos, D. Gracinda Pinto Santos, sr. Daniel dos Santos e menina Paula Maria Palmeira Matos.
Em 20 — Sr. José António Santos.
Em 21 — Menina Lizete Paraíso Sofia e o menino João Paulo Pereira dos Santos.
Em 22 — Srs. Arménio Peres Figueiredo, Manuel Pedro Cabrita Junior, Adalberto Teófilo Rodrigues Brito, Comandante Henriques de Brito, meninas Maria da Graça do Nascimento, Maria Domitilla Costa da Encarnação Campina Guerreiro, Maria Agripina dos Santos e menino António Henriques Pires da Fonseca Soares.
Em 23 — D. Alda dos Santos Sequeira, sr. Armando Benício Baptista e menino Manuel José Lope.
Em 24 — D. Maria Cristina Ribeiro Padinha Rosado e D. Maria Cristina Carmo de Jesus.

Partidas e Chegadas

No gozo de férias encontra-se com sua família na Praia de Monte Gordo, o sr. Adelino Ferreira Abrantes, conceituado chefe da Inspeção de Trabalho, em Beja, e nosso prezado assinante.

— De visita a seus pais vimos nesta cidade o nosso conterrâneo e distinto engenheiro, sr. José Maria do Nascimento.

— Com sua família encontra-se em sua casa, na Luz de Tavira, no gozo de férias, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. José Anastácio Brás, residente na Alemanha

— Após ter passado uma temporada no Minho, com sua filha, regressou à sua casa em Évora, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Capitão José Henrique da Cruz.

— Regressou de Angola, onde esteve em serviço de defesa da nossa soberania, o nosso conterrâneo sr. João Sebastião de Sousa, Furriel de Infantaria.

— No gozo de férias encontra-se com sua esposa na Praia da Rocha, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Jaime Luis Custódio Santos Pires, importador de produtos farmacêuticos, residente na capital.

— Com sua esposa e filhos encontra-se passando as férias em Cabanas, em casa de seus pais, o nosso prezado assinante sr. Sebastião dos Santos, funcionário da agência do B.N.U. em Loulé.

— Vindo do Ultramar, de onde regressou de avião, encontra-se nesta cidade com sua esposa, o sr. Domingos Juliano Marques, furriel-enfermeiro do Exército.

Sérgio Páscoa

Vencedor em S. Paulo

MAIS um algarvio acabou de acreditar o seu nome no livro de ouro dos vencedores da Volta ao Estado de S. Paulo, no Brasil. Este ano foi o excelente ciclista do Ginásio Clube Tavira, Sérgio Páscoa, que sucedeu ao seu colega de equipa Jorge Corvo, vencedor daquela prova, no ano transacto.

Na quarta etapa, após uma impressionante fuga que se estendeu por mais de uma centena de quilómetros acompanhado por um ciclista argentino, Sérgio Páscoa cortou a meta com cerca de 11 minutos de avanço sobre o poleitão, o que lhe valeu a posse do sempre cobiçado «maillot» amarelo. A partir de então, a luta foi travada ainda com mais ardor por parte das restantes equipas (selecções representando países) mas bem auxiliado por todos os seus companheiros, Sérgio Páscoa a tudo respondeu, acabando por vencer a prova com toda a justiça, como um verdadeiro campeão!

Jorge Corvo, que nas primeiras etapas foi vítima de vários percalços, foi o 16.º na classificação geral, o que, na verdade, não está de harmonia com a sua incontestável classe.

A chegada dos dois valorosos ciclistas a Tavira fez-se na passada quinta-feira, por entre o estralar de morteiros e foguetes, tendo chegado à sede do Ginásio de Tavira que tinha hasteada numa das janelas o estandarte do clube e profusamente iluminada, onde eram aguardados por dirigentes e colegas de equipa e muito povo, que lhes tributaram uma estrondosa ovação.

O sr. Dr. Eduardo Mansinho, presidente do Ginásio de Tavira, proferiu depois uma alocução alusiva àquela brilhante vitória, no que foi muito ovacionado.

A Sérgio Páscoa, pelo seu êxito e a Jorge Corvo pela sua tenacidade, enviamos um abraço amigo de parabéns.

R. Nobre

O HOMEM, O TAVIRENSE, O ORADOR E O POETA

Continuação da 5.ª página

«Vendia beijos por moedas de ouro
Num retiro sombrio de Magdala.
(A sua formosura, Oh! que tesouro,
Desde o andar até à própria fala!)»

«Queimava nardo; e olhando pr's volutas
Do fumo que se esvai, senti o ardor
De transformar em asas impolutas,
As asas dissolutas do amor.»

«A Fé, então, entrega-lhe os cilícios
Que quebram garras e exterminam vícios
— E com eles rasgou o seu sudário.»

«Madalena, na rua da Amargura,
É tão triste na sua desventura
Como a lua na noite do Calvário!...»

Mas, como já disse, Isidoro Pires desdobrava-se. Na sua Obra, e como ela, ele mostra-se uma personalidade multiforme.

Enamorado da vida, também como já referi, e, ao mesmo tempo, desiludido dessa mesma vida, por vários revezes e dissabores que não vêm ao caso, com o «DOM» da sua musa, refoge-se, recolhe-se na ARTE, e eis que o Poeta proclama:

«Ó arte, tu és a luz
Que dá forma ao sentimento!...
Es o riso do prazer
E da mágoa, és o lamento.»

Nesta quadra, Isidoro Pires substancia toda a vida do Poeta que ele era. De um lado, para ele, a arte é a luz que dá forma ao sentimento que eu acabei de referir. De outro, essa mesma arte é o riso do prazer, como se vê nesta mesma quadra. Finalmente, TAL ARTE é, da mágoa, o lamento, disse Isidoro Pires.

E aqui temos, Minhas Senhoras e Meus Senhores, o refúgio do Poeta para as suas mágoas: NA ARTE que ele tanto enriqueceu, POR SEUS LAMENTOS DE ALMA.

Mas Isidoro Pires foi irreverente, umas vezes; sarcástico, outras; irónico, tantas outras vezes.
Oicamos o irreverente, o sarcástico e o irónico Poeta:

Aqui tendes a irreverência:

«Num convento de frades existia
Um burro corpulento, mas madraço;
Era besta que nunca dava passo
— E p'lo comer zurrava todo o dia.

Noutro convento, que era só de freiras,
Uma burra pequena, muito viva,
Não se enviava à palha nutritiva
— E trabalhava sempre, sem canseiras.

A monástica gente teve, então,
O preconceito, a grande inspiração
De fazer dos jumentos um casal
Para obter certo animal
Muito vivo e corpulento.
(Herdaria do pai a carne e o osso;
Da mãe, o génio activo, sempre moço...)
Frades e freiras, de olho arregalado
Os lançaram às chamas do pecado
— E ficaram à espera do jumento.

Que sucedeu?
O contrário:
A alimária que veio, só herdara
O que nos pais havia de precário;
E, assim, por biológica razão,
— O burro foi pequeno e mandrião.»

Os versos que acabais de ouvir, fazem-me lembrar Bocage nas suas imperecíveis Fábulas.
Passemos ao sarcástico... Isidoro Pires. E sob este aspecto, dir-se-ão as seguintes quadras do Poeta:

«Na tua cara estragada
A pintura fica bem;
E quem te julga engraçada
Fica pintado também...»

«Se por mim tu choras muito,
Choras por muitos também...
Não quero água dos teus olhos,
Pois não sei donde ela vem!...»

«Ninguém ria duma vida
Que no pecado se encanta:
Madalena era perdida
E não perdeu de ser santa!»

«Quem murmura, p'lo que diz,
Quer da terra fazer Céu...
E, assim, passa por juiz
Quem não passa de ser réu.»

Quanto ao poeta irónico, nada mais há a fazer, do que ler alguns versos:

«Outrora, quando era cego,
Vi-te melhor que ninguém.
Hoje, que vejo, não nego,
Não te vejo muito bem.»

«Por castigo ou por azar,
Já cheguei a perceber
Que um homem pode cegar
Num olhar de uma mulher.»

«Eu sei que gostas de mim,
Embora digas que não:
A boca nem sempre diz
O que sente o coração.»

E agora esta quadra que, mais de que qualquer outra, mostra a ironia, por vezes crueza, de Isidoro Pires:

«O ardor que o coração
Leva nos beijos e traz,
Sinto-o mais nos que te dou
Que naqueles que me dá.»

Quem apreciar a comparação que o Poeta estabelece, verá, sem sombras de dúvida, a bofetada, sem mão, que ele, Poeta, pretende dar, sempre com ironia, ao mesmo tempo que lamenta a diferença da troca...

E para terminar esta parte:

«Menina, tu que és tão bela
Vê lá bem por onde vais!
Se não andas com cautela,
Tu andas, andas... e caís!...»

«Dizes que já não o queres
E olhas p'ra ele, Maria?!
— Não vês o Sol? Já se pôs,
Mas ainda há luz do dia.»

Reparem V. Ex.ª na beleza desta quadra, quando o Poeta compara o amor ardente, à luz, ao calor do Sol, para logo comparar os ressaibos, as reminiscências dum amor desfeito, à luz desse mesmo Sol, no ocaso... mas ainda quando não é noite...

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Quase todas as quadras de Isidoro Pires encerram um conceito, um pensamento, aquele pensamento que atormentou e, paradoxalmente, deliciou o Poeta. Já o disse uma vez. Torno agora a referi-lo.

Oicamo-lo, para demonstrar o que deixo afirmado e que, antes, já afirmara:

«Os sorrisos são lampejos
De ardores sentimentais:
Nuns há ternura de beijos,
Noutros, gume de puñais!»
(Continua no próximo número)

Atenção Automobilistas

Cuidado com as estradas em reparação

Continuação da 2.ª página

me sobre o pavimento e cobri-la depois com areão, gravilha ou morraça. É o chamado revestimento superficial betuminoso.

Torna-se muito difícil aplicar areão ou gravilha em quantidade e de modo que os respectivos elementos fiquem todos colados. Daí a necessidade de os aplicar com certo excesso para atender ao refúgio do betume provocado pelo calor de que resulta a incorporação de maior quantidade de tais elementos, e para evitar mais tarde o vidrado do pavimento, tão prejudicial para a segurança do trânsito.

Há, evidentemente, outros processos de pavimentação mais perfeitos, mas muito dispendiosos, e que só se justificam em estradas de grande tráfego.

Missa de Sufrágio

A família de Joaquina Emília Henriques Neves, cumpre o dever de participar às pessoas amigas que, no próximo dia 22 do corrente, pelas 21 horas, será celebrada na igreja de Santa Maria do Castelo, Missa por sua alma, agradecendo desde já às que se dignarem assistir ao piedoso acto.

Anunciar neste Jornal, é ter a certeza de êxito

O POLITICARRO DE ASSALTO

O Politicarro é um engenho de alto poder demolidor muito usado pelo terrorismo de café ou pelo aspirador de poleiros. Uma vez posto em movimento o politicarro é imparável, nada o pode deter e, na sua passagem, tudo é esmagado, reduzido a pó cinza e nada.

Avança silenciosamente, em segredo, de orelha em orelha, de língua em língua, fechando sempre a sua vítima num círculo de isolamento, de silêncio, de desconfiança que fatalmente a aniquila, se esta não for pessoa de ânimo suficientemente forte para não descer de si própria. Ao ver que os amigos se escapam e retraem, que as conversas cessam à sua chegada, como se fosse o último dos Iscariotes ou o mais perigoso informador da Mau Mau ou da Kux-Kux-Klan, quase sempre a vítima começa a duvidar de si, a sentir-se culpada de alguma coisa menos digna por si praticada, que não descortina mas que por certo, julga então, terá praticado.

E é que era isso mesmo o que se pretendia. Foi esse mesmo o trabalho do politicarro. Neutralizá-lo. Empurrá-lo para um quisto de onde já não poderá sair se não tiver coragem de enfrentar o politicarro e a sua obra.

Bem pode a vítima, ao aperceber-se da ratoeira que lhe armaram protestar, provar por A+B, que assim e assado, pois que quem o ouve vai dizendo intimamente para si: «Já te conheço de gingeira, fala para aí, a mim não me engrofas tu e vai vender essa a outro». Está descreditada.

Quando a coisa chegou a este ponto, a obra do politicarro está completa. Esfrega as mãos e volta-se para outro lado, para abrir nova clareira onde quer que se encontra uma pontada discordante da sua, um cérebro que não pense pelo seu cérebro e uma liberdade que haja de suprimir-se em holocausto a sua, porque essa sim, e não há que discutir.

Conheço vários casos de pessoas assim atacadas pelo politicarro de assalto e a verdade é que elas nunca mais voltaram a usufruir do critério de que gozavam no seu meio social antes do assalto do politicarro.

Um amigo da Cidade de Tavira

Continuação da 3.ª página

so pedido do Dr. Palma não se diziam como muito bem merecia e ele desejava, umas palavras, mas que tinha Tavira acabado de perder, um grande médico e um grande amigo.

Na parte do cemitério, lá ao alto, se encobriu a urna que guarda os restos mortais de quem todos choram e por quem todos se despedem com uma enorme saudade que enche os corações e que já mais se apagará. Tavira vai achar a falta.

A sua mãe querida, ao seu idolatrado filho e à extremada esposa, peço licença para juntar às suas minhas lágrimas de gratidão, de saudade, de solidão e pesar. Tenho a certeza que todos saberão guardar e recordar a memória do sr. Dr. Augusto Carlos Palma que foi, pode dizer-se, um santo, um pai, um justo, um amigo de todos os filhos desta terra.

Depois do triste acontecimento, de regresso a casa, admire-me de que as malvas que enchem os valados, conservem ainda a sua cor garrida, que as flores continuem com o seu odor, que as crianças corram, gritem e brinquem como dantes, que a vida em todo palpite e se agite de igual modo. É a obrigação da sobrevivência, é a lei da vida sobreposta à lei da morte.

E a morte é grande também quando se viveu em honra e em ordem.

Maria Leonor Horta

DESASTRE

Vítimas de desastre, em motocicleta, quando regressavam da Corte António Martins para Cacela, faleceram na noite do passado dia 9 do corrente, António José Alves Tabuinhas, de 25 anos, natural de Portimão, empregado na Casa Mealha, desta cidade e Francisco António Dias, de 20 anos, natural de Alcoutim, empregado no estabelecimento de seu tio, sr. Francisco Dias.

A morte dos desditos rapazes, ambos solteiros, causou a mais profunda mágoa nesta cidade onde contavam com muitas amizades.

Nos funerais que se realizaram para o cemitério de Cacela, incorporaram-se muitas pessoas amigas dos falecidos.

Também nessa mesma noite foi vítima de um desastre em bicicleta motorizada entre a Corte António Martins e Cacela, o sr. Daniel Tomás Lima, de 38 anos de idade, proprietário, casado, residente na Conceição de Tavira, que foi embater numa carroça, do que resultou a fractura de uma perna e escoriações no corpo. Conduzido para o hospital de Tavira e verificado o seu estado, seguiu no dia seguinte para Lisboa.

carro. Fica o que se chama um homem marcado, queimado.

Em todo o caso o politicarro de assalto é um espectáculo subjectivo de resultado às vezes bem objectivo, com vias de facto e tudo, como no caso de dois ou mais politicarros se atacarem entre si, quer sejam da mesma série de fabrico, quer quando as séries divergem pois que, politicarros, existem em todos os campos políticos.

Então, essas manobras politicarrescas chegam a atingir aspectos deliciosos de incomparável ridículo que vale realmente a pena.

Em todo o caso o melhor é não se lhes ligar importância porque os politicarros, à força de lançarem descrédito sobre as pessoas, acabam também desacreditando-se irremediavelmente.

Sebastião Leiria

Informações Fiscais

Obrigações dos Contribuintes durante o mês de Julho

Contribuição Industrial (Grupo B) — Até 31 deverão ser apresentadas as declarações modelo 2, em triplicado, dos contribuintes com sede fora do continente e ilhas adjacentes.

— Por ter sido solicitada a inserção neste jornal, dá-se conhecimento que no ano corrente, o prazo de reclamação da Contribuição Industrial, Grupo B, decorre de 1 a 15 de Agosto próximo.

Pagamento de Contribuições — Pagamento da 2.ª prestação da contribuição industrial grupos A e B. — Liquidação provisória e pagamento da 2.ª prestação da contribuição Industrial grupo C.

— Pagamento da 2.ª ou 3.ª prestação da Contribuição Predial quando dividas respectivamente em 2 ou 3 prestações.

— Durante este mês podem os contribuintes declarar em impresso mod. 134 que desejam efectuar o pagamento em quatro prestações, desde que seja igual ou superior a 400\$00.

— Até 31 deverá efectuar-se o pagamento da 1.ª prestação da contribuição liquidada nos termos do § 2.º do art.º 226.º, efectuando-se também o pagamento, por uma só vez, da contribuição predial liquidada adicionalmente, nos termos do § 1.º do art.º 226.º.

Imposto de Compensação — Até 31 está a pagamento o imposto de compensação respeitante ao 3.º semestre do corrente ano.

Imposto Complementar — Todas as pessoas singulares sujeitas ao Imposto Complementar, deverão apresentar nas Repartições de Finanças durante o mês de Julho, a declaração mod. 1, em duplicado, desde que os seus rendimentos excedam os seguintes quantitativos: 60 000\$00 — sendo solteiro, divorciado ou separado judicialmente de pessoas e bens; 80 000\$00 — sendo casado e não separado de pessoas e bens; 40 000\$00 — sendo residente fora do continente e ilhas.

Os documentos a juntar às referidas declarações são os constantes dos artigos 14.º e 30.º do Código do Imposto Complementar. A renovação das referidas declarações só serão de fazer quando houver alteração nos elementos declarados anteriormente.

Imposto sobre a Indústria Agrícola — Este imposto está a pagamento, numa só vez ou da 1.ª prestação quando dividida em 2 prestações no caso de exceder 500\$00.

Livros de Compras, Vendas e Serviços Prestados — Escrita Selada — Chama-se a atenção dos prezados assinantes que, em face do Decreto-Lei n.º 46369, de 7 de Junho findo, os livros de compras e vendas ou serviços prestados a que se refere o art.º 133.º do Código da Contribuição Industrial não podem ter a sua escrituração atrasada mais de 30 dias e não 90 como anteriormente à publicação do referido despacho era permitido.

As firmas em nome individual ou colectivo deverão ter os livros escriturados de forma a não ultrapassarem os 90 dias. Pelas faltas de observância dos prazos indicados, ficarão sujeitos às penalidades constantes do artigo 146.º do referido Código, correspondendo a multa de 200\$00 a 10 000\$00.

ARRENDAR-SE

Propriedade próximo da Luz de Tavira e junto à Estrada Nacional, com cerca de 20 hectares, amendoal, olival, figueiral, alfarrobal e fruteiras diversas de regadio, todos os cómodos e engenho com motor.

Informa solicitador José Luis Cesário, na Rua Alexandre Herculano, 18-1.º, Telefone 138 — Tavira.

A Viagem Presidencial ao ALGARVE

(Continuação da 1.ª página)

A grande Imprensa já se referiu ás horas altas que se viveram quer na inauguração do Aeroporto, quer do abastecimento de água e fornecimento de energia eléctrica em Alcoutim, como do posto clínico dos Serviços Médico Sociais da Federação das Caixas de Previdência, ou do Liceu de Portimão. Em todas elas o Algarve esteve presente para homenagear o sr. Almirante Américo Thomaz e agradecer ao Governo da Nação, as benesses recebidas.

As Festas de Tavira

(Continuação da 1.ª página)

São quatro dias de inolvidáveis atractivos que a formosa cidade do Gilão oferece aos naturais e visitantes.

As Festas de Tavira primam sempre pelo seu aliciente cartaz, que anualmente é renovado, servindo de forte atractivo aos turistas que nesta quadra do ano escolhem o Algarve para passar as suas férias e que sedentos de diversões para alegrar o espírito, procuram os lugares onde se realizem festivais de carácter artístico ou folclórico.

E Tavira, na segunda quinzena de Agosto, veste-se das suas já tradicionais galas para os receber com alegria e distinção.

Como prólogo, realiza-se no pitoresco jardim do Castelo, um Torneio Poético, dando uma nota de beleza artística ao programa festivo de 1965.

As iluminações e ornamentações estão a cargo da firma «Constantino Liras», de Felgueiras, que tem alcançado os mais brilhantes sucessos em diversas localidades do País, nomeadamente nas grandes festas realizadas no Montijo.

TORNEIO POÉTICO DAS FESTAS DE TAVIRA

Realiza-se no dia 15 de Agosto, no Jardim do Castelo, o Torneio Poético das Festas de Tavira, seguido de um Garden Party, abrihantado por uma das melhores orquestras da capital.

REGULAMENTO

São admitidos três géneros de poesia:

- Quadra.
- Poesia obrigada a mote.
- Poesia alegórica a Tavira.

Para glosar foi escolhida a seguinte quadra do poeta taviense Isidoro Pires:

Dei voltas ao pensamento
E, nessas voltas que eu dei,
Deu-me a saudade o momento
Da volta em que te beijei!

As produções devem ser enviadas até ao dia 10 de Agosto de 1965, para: Comissão do Torneio Poético das Festas de Tavira.

Haverá 3 prémios para cada género de produções classificadas e menções honrosas.

O júri poderá deixar de atribuir qualquer prémio desde que as poesias apresentadas a concurso, no seu entender, não mereçam classificação.

Todos os concorrentes deverão enviar, nos moldes habituais, as produções inéditas, dactilografadas em triplicado, firmadas com pseudónimo e em envelope lacrado, um cartão revelando o verdadeiro nome do autor.

Ao júri ficará reservado o direito de publicar ou musicar as produções classificadas.

Ao Torneio Poético das Festas de Tavira poderão concorrer todos os poetas portugueses, só com produções inéditas e sem número limitado.

HORTA

Arrenda-se ou vende-se com abundância de água tirada a motor, com diversas árvores de fruto e amendoeiras, a «Horta do Mariano», no sítio das Hortas, freguesia de Santa Catarina.

Quem pretender dirigir ao seu proprietário, Francisco José Gago, Santa Margarida — Tavira.

PADARIA E MERCEARIA

Vendem-se (de preferência), ou arrendam-se, por o proprietário não poder estar à testa.

As melhores instalações do sítio e restauradas.

Tratar com Francisco Bota, Vale d'Águas - Almancil - Loulé.

Sejamos dignos da hora presente

(Continuação da 1.ª página)

Não podemos perder tempo com inutilidades, nem permitir que um ligeiro número de traidores continue a perturbar a marcha segura e firme da nacionalidade. Pedimos a todos os nossos governantes que saibam agir neste sector com firmeza e sem contempções. A tarefa, de que estamos incumbidos, é daquelas que exige esforço e decisão. Nenhum português, digno deste nome augusto e sagrado, está isento no presente combate. Todos temos um lugar a preencher e deveres a cumprir. É preciso que todos conheçam os seu deveres e que todos se decidam a cumprilos. Estamos numa hora de importância decisiva para o engrandecimento e para a justa glorificação do nome de Portugal em todos os pontos do mundo civilizado. Lembrem-nos de que o nosso valor e a nossa obra terão de suportar o embate dos nossos inimigos, que não podem tolerar a nossa grandeza presente, assim como sabem que a sua derrota será sinal da nossa grandeza futura.

Portugueses, todos do Portugal Ultramarino e do Portugal Ultramarino, mostremos ao mundo aquilo que somos e aquilo que valem, quando estamos sábiamente governados, quando nos dirigimos para o ideal da lusitanidade. Demos infundas graças a Deus, que assim tem velado sobre nós, protegendo esta terra bendita de Santa Maria. Sejamos apóstolos da missão augusta e sagrada que a providência nos assinalou, logo nos alvares da nacionalidade.

Glória e honra seja prestada aos homens que servem a causa da portugalidade!... Mas não pensemos que a causa é só dos que se sacrificam: todos temos o mesmo dever a cumprir dentro da nossa esfera de acção. A obra em curso é de tal envergadura, que todos somos poucos para a conseguirmos realizar, mas os portugueses, embora poucos, têm sempre feito verdadeiros milagres em honra de Deus e da Pátria, como assinalou o nosso épico imortal.

Por isso, sejamos pioneiros incansáveis numa obra, que é nossa e muito nossa, numa obra da qual depende a grandeza do Portugal de hoje, assim como as grandes glórias do Portugal de amanhã. Mas, tremos ao mundo aquilo de que somos capazes. Não temamos as perseguições dos nossos

inimigos, porque essas perseguições são o sinal inequívoco do valor da obra que estamos realizando. Portugal será aquilo que quisermos, se continuarmos a obra em curso, se formos decididos e seguros os ensinamentos dos nossos mais altos governantes.



Vila Nova de Cacela

Para construção de uma nova Igreja no Largo das Escolas, desta freguesia, realizou-se no passado dia 4 na sala das sessões da Sociedade Recreativa Cacelense, uma reunião de diversas individualidades, que depois de diversas considerações, resolveram organizar duas comissões que ficaram constituídas da seguinte forma:

Comissão Fabriqueira da Igreja Paroquial de Vila Nova de Cacela: Presidente, P.º Joaquim da Silva Araújo; Vice-presidente, Dr. António Celorice Drago; Tesoureiro, Dr. José de Sequeira Colaço Fernandes; Secretário, Manuel Guerreiro Rosa Mendes; Suplentes: José Armando Guerreiro Henriques, António Zacarias Faisca Gil, Benito António Brito Pereira e Veríssimo Garrana Neto.

Comissão Executiva — Domingos Antunes Madeira, Manuel Guerreiro, Alvaro Henrique Guerreiro Gomes, Manuel António Feliciano, Manuel Firmino Claudio, José Munhoz André e Henrique António Brito Pereira.

A Comissão Fabriqueira fica sujeita a confirmação superior, sendo numa próxima reunião constituída a Comissão de Honra.

A construção do projectado imóvel virá beneficiar muito o local.

NECROLOGIA

Joaquim António Pacheco Junior
Faleceu no passado dia 9 do corrente, na capital onde fora sujeito a uma melindrosa intervenção cirúrgica, o sr. Joaquim António Pacheco Junior, proprietário e industrial, natural de Santa Catarina da Fonte do Bispo e há muitos anos residente em Olhão, onde fora gerente da firma J. A. Pacheco, naquela vila.

Contava 68 anos de idade, era filho do sr. Joaquim António Pacheco e da sr.ª D. Maria das Mercês Pacheco, já falecida. Deixa viúva a sr.ª D. Maria da Natividade Pitê Pacheco, era pai das sr.ªs D. Maria Gertrudes Pacheco Cocco, D. Maria da Natividade Pacheco Pinto e do sr. João António Pacheco, industrial e sogro da sr.ª D. Rosa Gago Pacheco e dos srs.

(Continua na 2.ª página)

Câmara Municipal de Tavira

EDITAL

«Reparação do C. M. 1237 — Troço do C. M. 1236 (do C. M. 1237 à Mata de Tavira) — 1.ª fase

Torna-se público que, conforme deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião de 5 do corrente mês, se encontra aberto concurso público para a empreitada da obra de «Reparação do C. M. 1237 — Troço do C. M. 1236 (do C. M. 1237 à Mata de Tavira) — 1.ª fase», cuja adjudicação será feita na reunião de 5 do próximo mês de Agosto.

A base de licitação é de 156 105\$00, devendo os concorrentes instruírem as suas propostas nos termos do respectivo programa e entregá-las na secretaria desta Câmara Municipal até às 16 horas do dia 4 de Agosto próximo.

O projecto e demais elementos respeitantes à empreitada em epígrafe, acham-se patentes ao público na Repartição Técnica de Obras Municipais, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório é de Esc. 6 000\$00.

Tavira e Paços do Concelho, 9 de Julho de 1965

O Presidente da Câmara,

Jorge Augusto Correia (Dr.)